

PROCESSOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ABORDAGEM NA IMAGINAÇÃO E LINGUAGEM

PIZARRO, Suélen Rocha Centena¹
REGASON, Quellen Potter¹
RODRIGUES, Luíze Fagundes Ávila¹
SOUZA, Rosane Paz¹
VEIGA, Amanda Moreira^{1*}
GRIEBELER, Adriane²
LUCAS, Lisandra Silva²
NOGUEIRA, Lenise Alvares Collares²
ROSA, Andréia Quadros²

RESUMO: O presente artigo teve por objetivo observar crianças na idade entre três e quatro anos, na escola EMEI Prof. Zita Ferrando de Vargas, no Bairro Ivo Ferronato na cidade de Bagé-RS. Com foco principal observar os processos psicológicos básicos: imaginação e linguagem nessas crianças, e verificar qual a importância desses processos para um desenvolvimento saudável. Para tal foi desenvolvida uma pesquisa de natureza descritiva, com abordagem de cunho qualitativo e um trabalho de observação individual de escuta da fala com a finalidade de embasar a pesquisa de linguagem. Para analisarmos o outro aspecto proposto sobre a imaginação da criança, foi utilizado o método de contação de história, onde foi apresentado o conto “A Bezerrinha Bebel”, sendo esse de forma ilustrado por meio de desenhos, onde as crianças desenharam quem era o personagem principal da história. Pode-se concluir que crianças na faixa etária entre três e quatro anos obtêm uma imaginação mais imitativa do que criativa, e que embora expostas aos mesmos estímulos de ensino apresentam desenvolvimento diferente umas das outras e que crianças que tem melhor pronúncia das palavras, também apresentam imaginação mais criativa do que imitativa.

Palavras-chave: Processos psicológicos, crianças, imaginação.

ABSTRACT: The objective of this article was to observe children in the age between three and four years, in the school EMEI Prof. Zita Ferrando de Vargas, in the neighborhood Ivo Ferronato in the city of Bagé-RS. With primary focus observe the basic psychological processes: imagination and language in these children, and check how important these processes for a healthy development. For that, a research of a descriptive nature was developed, with a qualitative approach and an individual observation work of listening to the speech in order to base the language research. In order to analyze the other proposed aspect about the child's imagination, the storytelling method was used, where the story "A Bezerrinha Bebel" was presented. This was illustrated in drawings, where the children designed who was the main character of the story. It can be concluded that children in the age group between three and four years get an imagination that is more imitative than creative and that although exposed to the same teaching stimuli present different development from one another and that children who have better pronunciation of words also present imagination more creative than imitative.

Keywords: Psychological processes, kids, imagination.

¹ Discentes do Curso (Psicologia), Nível II 2018/2- Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

² Docentes do Curso (Psicologia), Nível II 2018/2 - Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

*E-mail para contato: amanda_veiga@sicredi.com.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A primeira fase do desenvolvimento humano começa na infância, nessa etapa estuda-se as mudanças ocorridas ao longo da vida humana, buscando entender os fatores as que influenciam. As crianças recebem a todo momento estímulos no ambiente em que vivem, e para receber e interpretar tais informações é empregado as funções mentais, que para a psicologia é entendida como processos psicológicos básicos.

No desenvolvimento deste artigo foram abordados especificamente dois processos cognitivos, sendo a imaginação e a linguagem. Dentro dos processos psicológicos básicos estão: atenção, memória, pensamento, linguagem, percepção, emoção, inteligência, consciência e imaginação, sendo esses de extrema importância para o avanço e formação do desenvolvimento da criança.

Buscando compreender os dois processos, foi-se em busca de um referencial teórico que desse esclarecimento e embasamento para o estudo prático o qual realizamos na Escola EMEI Professora Zita Ferrando de Vargas em Bagé/RS, com crianças de 3 a 4 anos de idade, com o propósito de observar como os processos cognitivos se manifestam nestas crianças.

Como objetivo geral de averiguar a suma importância da imaginação e da linguagem para o desenvolvimento saudável da criança, no convívio social como da aprendizagem, e também as funções neuropsicológicas da linguagem. Esses processos referem-se a todas as funções mentais que constitui um ser humano, a sua cognição, como abordamos a seguir neste artigo.

2 DESENVOLVIMENTO

No intuito de descrever, explicar, prever e influenciar as teorias cognitivas trazem o entendimento do desenvolvimento da criança. Nesse artigo aborda-se dois processos psicológicos básicos, a imaginação e a linguagem, descrevendo com maior riqueza e qual a importância na formação de um ser humano.

2.1 Referencial Teórico

2.1.1 A importância da imaginação no processo cognitivo

A infância é a fase em que se desenvolvem a imaginação e a fantasia. Quando a criança está brincando, esse é, para ela, um momento muito sério e especial, pois está construindo o seu mundo, por isso deve ser respeitado pelos adultos (ESCORSIN, 2016). Luria (1990), relata que a imaginação pode estar firmemente ligada à experiência prática ou pode ocorrer dentro de um sistema de pensamento lógico-verbal, onde distingue certos níveis dentro da imaginação.

Segundo Cruz (2002), no início do desenvolvimento da criança, quando ela começa a brincar de faz de conta, a situação imaginária que cria é ainda muito semelhante à situação real que ela representa, estando mais próxima da imitação e da memória que da criação. Com desenvolvimento da linguagem e de seu papel na brincadeira, a criança passa, cada vez mais, a agir no campo das significações, o que dará origem ao pensamento abstrato.

A capacidade de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções (SOUZA, 2013).

De acordo com Silva e Nunes (2012), a atividade criadora infantil (faz de conta, desenho, narrativa e etc) pode ser compreendida como um espaço peculiar em que as crianças se expressam de forma sensível sobre o universo que as cerca, revelando suas leituras da realidade (vivido e sentido). Para Souza et al. (2013), a contação de história instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo.

A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem (SOUZA, 2013).

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos

e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005 apud SOUZA, 2013, p. 3).

O brincar, a fantasia e o funcionamento imaginativo vão, aos poucos, para as crianças, sendo compreendidos como um conhecimento, uma capacidade que não tem estatuto de aprendizagem. Brincar e aprender tornam-se coisas distintas; na brincadeira não se aprende, não é coisa séria (LEITE, 2004 apud SILVA; NUNES, 2012).

Conforme Cruz (2002), a imaginação é compreendida como a capacidade de produzir imagens mentais, estas são simples reprodução (ou o prolongamento) de percepções e sensações na ausência dos objetos que as provocaram (Piaget, 1989) ou então, resultantes de um desdobramento entre o objeto e aquilo que se tornou seu sinal (Wallon, 1979). No caso de Vygotsky, os processos imaginários envolvidos na brincadeira infantil são os que permitem à criança libertar-se das restrições perceptuais e situacionais.

Para Antunes (2012), é importante ensinar a criança a ver e escutar com a atenção e intenção, buscando explorar espaços, assim o professor como mediador deve acompanhar os passos da criança no momento da contação de histórias, a descobrir cores, sons, falas e entre outros fatores. O ato de contar histórias instrui, socializa e diverte as crianças. É uma ferramenta que desperta o interesse pela leitura, ajuda no desenvolvimento psicológico e moral, auxiliando na manutenção da saúde mental das crianças em fase de desenvolvimento, amplia o vocabulário e o mundo de ideias, desenvolvendo a linguagem e o pensamento, trabalha a atenção, a memória e a reflexão, desperta a sensibilidade, a descoberta da identidade, adapta as crianças ao meio ambiente, assim como desenvolve funções cognitivas para o pensamento como comparação, raciocínio lógico, pensamento hipotético e convergente e divergente (CARDOSO, 2016).

2.1.2 Relevância e importância da linguagem, e seus estágios de desenvolvimento

O termo linguagem tem um sentido bastante amplo, pois é tudo que envolve significação, que tem um valor semiótico e não restringe apenas a uma forma de comunicação (GOLDFELD, 2002). Para Vygotsky et al., (2010), A linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam.

O primeiro meio de comunicar-se com o mundo externo que a criança estabelece é a linguagem, sendo verbal ou não, desde gestos, expressões faciais entre outros. Como afirma

Papalia & Olds (2000 apud Miranda & Senra, 2012) a linguagem não consiste apenas na comunicação e transmissão de ideias pelas palavras, que são cruciais no desenvolvimento cognitivo, mas também na comunicação não verbal, isto é, em gestos e as ações, movimentos que expressam emoções sociais.

Conforme afirma Vygotsk (2001 apud Sousa, 2016) é a partir dos dois anos de idade que a criança inicia o pensamento e a linguagem racional e verbal, começando a empregar a linguagem de forma coerente, não meramente interativa como no convívio familiar, mas numa construção e transformação de pensamentos na convivência coletiva.

Segundo Guardiola et al. (1998), a linguagem é a função mais elaborada e complexa do sistema nervoso central. Para Vygotsky, a linguagem é a mais importante função mediadora e constitutiva/transformadora dos processos cognitivos superiores (NOVAES, 2012).

O cérebro, com seus dois hemisférios, funciona como um todo, estruturando a conduta do indivíduo em seus aspectos cognitivo e afetivo (GUARDIOLA et al., 1998). A linguagem verbal, que define a preferência funcional do hemisfério esquerdo é antecedida pela linguagem não-verbal, que pertence ao hemisfério cerebral direito. Pessoas com lesões no hemisfério esquerdo podem exibir vestígios de gestualidade, que podem ser bem aproveitados em sua reabilitação, por evidenciarem integridade funcional no hemisfério direito (LURIA, 1980 apud FREITAS, 2006). O hemisfério direito é eminentemente postural e gestual (não-simbólico), enquanto o hemisfério esquerdo é linguístico e simbólico, evocando que o controle postural e gestual deve se automatizar antes que as funções integrativas superiores, como a linguagem, possam se desenvolver (VYGOTSKY, 1987 apud FREITAS, 2006).

A especialização hemisférica requer que, evolutivamente, o hemisfério direito assuma a liderança das atividades não-verbais, como os gestos, a postura, as brincadeiras, as imitações, a integração motora. Gradativamente, ao longo do desenvolvimento humano, o hemisfério esquerdo transcende esta dimensão a fim de se projetar e disponibilizar para as atividades linguísticas verbais e cognitivas mais complexas (LURIA, 1980 apud FREITAS, 2006).

No hemisfério que domina a linguagem, várias áreas trabalham juntas para facilitar a comunicação, sendo três regiões principais: a *área de Wernicke*, próxima à área auditiva primária no lobo temporal, ajuda-nos selecionar as palavras e compreender o que ouvimos; o *giro angular*, no lobo parietal, recebe as informações da área visual primária e permite que as

visões levem palavras à mente conforme lemos, escrevemos ou observamos nosso meio; a *área de broca*, localizada no lobo frontal, próxima à zona motora primária, permite-nos falar fluentemente e pronunciar as palavras de forma distinta. Uma lesão cerebral pode comprometer uma ou várias dessas habilidades (DAVIDOFF, 2001).

Segundo Hazin et al. (2010), a criança humana nasce indefesa e dependente de cuidadores, mas esta característica que marca o começo do desenvolvimento é, no fundo, a maior força da espécie. O ser humano é um animal que tem um cérebro plástico ávido por aprendizagem, que ganha ainda maior complexidade de funcionamento com o advento da linguagem simbólica, e que tem biológica e culturalmente as ferramentas para superar as adversidades e transformar acidentes de percurso em formas qualitativamente diferentes de ser e estar no mundo.

A linguagem transforma a criatividade e origem da criança, promovendo a compreensão e ideais, sem a visibilidade de objetos. Ela permite a troca de informações com o outro e possibilita que qualquer indivíduo crie diálogo, mesmo que conheçam poucas palavras ao longo do tempo, ela possibilita uma necessidade de ampliar o seu vocabulário (VYGOTSKY, 2007).

A utilização da linguagem possui dois aspectos: um de *produção* e um de *compreensão*, produzir linguagem significa partir de um pensamento que de alguma maneira é traduzido numa oração e expressado através de sons, e compreender parte da audição de sons, atrelar significado a estes sons na forma de palavras que consistem na criação de uma oração para posteriormente extrairmos significados dela (MIRANDA & SENRA, 2012).

Para Miranda e Senra (2012), a linguagem tem diversas dimensões, antes das primeiras palavras serem pronunciadas há uma fase denominada pré-linguística, essa fase é caracterizada pela emissão de sons que progridem do choro, e da produção de fones como “ahhh” ou “gritinhos”, para os balbucios, gestos e imitação de sons, embora não haja compreensão dessa imitação. Sequentemente podemos ver que quando um bebê emite um repertório de sons sequenciados, os mesmos soam como linguagem, mas parecem que não possuem nenhum significado.

Do nascimento até aproximadamente 1 mês, o som mais comum que um bebê faz é o choro, embora possam fazer também outros sons de agitação, como por exemplo a risada. Sons de consoante aparecem apenas em torno dos 6 ou 7 meses, e em diante há um aumento

na quantidade de combinações de vogal-consoante, esse tipo de vocalização é denominado *balbucio* (BEE & BOYD, 2011).

O balbucio é uma parte importante da preparação para a linguagem falada também de outras formas. Os bebês gradualmente adquirem alguns padrões de entonação da língua que eles estão ouvindo, um processo a que Elizabeth Bater se refere como “aprender a melodia antes das palavras” (Bates, O’Connell e Shore, 1987). Então, os bebês parecem desenvolver ao menos duas melodias em seu balbucio, com uma entonação ascendente ao final de uma cadeia de sons parece sinalizar um desejo por uma resposta; uma entonação descendente não requer resposta. Normalmente os bebês experimentam todos os tipos de sons, incluindo alguns que não fazem parte da língua que estão ouvindo. Então, a partir dos 9 ou 10 meses, o repertório de sons dos bebês gradualmente começa a mudar para um conjunto de sons aos quais eles estão escutando, com o desaparecimento dos sons não ouvidos (BEE & BOYD, 2011, p. 229).

Ao longo desse período os bebês desenvolvem a habilidade de reconhecimento e de compreensão dos sons da fala e a capacidade de utilização de gestos com significado, e apenas no final do primeiro ano dizem a primeira palavra. Vale ressaltar que a fase pré linguística é rica em expressão emocional (MIRANDA & SENRA, 2012).

Na aprendizagem as diferenças de desenvolvimento entre as crianças da mesma idade respondem pelas diferentes reações ao meio em que vivem. A criança reage seletivamente ao ambiente e vai criando o seu próprio mundo através da experiência vital. A facilidade e eficiência pelas quais a criança aprende a falar são devidas, sobretudo, aos fatores motivação e maturação (NOVAES, 1962).

Sendo a linguagem impactada diretamente pelo meio que convive, conforme relata Bee e Boyd (2011), crianças que são expostas a menos (e menos variada) linguagem em seus primeiros anos não parecem superar o atraso mais tarde no vocabulário. Um dos fatores é a classe social em que essa família vive e outro conforme afirma Vygotsky et al., (2010), tal como um filho de surdos-mudos, que não houve falar a sua volta, continua mudo apesar de todos os requisitos inatos necessários ao desenvolvimento da linguagem e não desenvolve as funções mentais superiores a linguagem.

As primeiras palavras aparecem quando a criança tem em torno de 1 ano e estas são simples e normalmente usadas apenas para objetos ou situações específicas. As crianças continuam a aprender palavras novas durante todos os anos da pré-escola e acrescentam aproximadamente 10 palavras por dia na idade em que estão prontas para iniciar o ensino fundamental (BEE & BOYD, 2011).

Damasceno (2004), relata que dos 3 aos 7 anos de idade, observa-se o crescente papel regulador da linguagem na formação de programas complexos e na organização do comportamento. A partir dos 3 anos de idade, aos poucos a criança passa a dominar o uso de frases desenvolvidas, cada vez mais complexas.

Como mostrou Vygotsky, inicialmente, a verbalização consiste na descrição e análise da situação, adquirindo aos poucos o caráter de “planejamento”, expressando possíveis caminhos para a solução do problema. À medida que a criança vai experimentando novas situações, dos 4 aos 6 anos de idade, sua fala externa vai se internalizando cada vez mais, tornando-se mental (linguagem interna, condensada na sua forma e predicativa no seu conteúdo), e constituindo-se num instrumento poderoso de autoregulação e, portanto também, de controle dos pontos de vista, ações e comportamentos do indivíduo pelo modo de produção e ideologia dominante da sociedade em que vive (DAMASCENO 2004, p. 6).

A linguagem coopera na construção do mundo dos objetos, do mundo da percepção e da intuição objetiva, bem como é indispensável na construção do mundo da imaginação pura. Quanto mais progride a criança no seu desenvolvimento verbal mais sente despertar o uso universal e objetivamente válido da linguagem. O desenvolvimento da linguagem infantil processa-se primeiro, respondendo à linguagem falada, depois, aprendendo a dizer as palavras e a falar, em seguida, aprende a ler e interpretar símbolos escritos e, finalmente, a escrever (NOVAES, 1962).

A fase dos três anos de idade da criança é para Santos (2009 apud Sousa, 2016), uma etapa fundamental no âmbito prático (ação) e simbólico (representação), ou seja, é o momento que sua linguagem evolui e a representação mental conduz a associar seu esquema corporal. Nessa fase da criança há aspectos a serem percebidos pelos professores como: o crescimento físico psicomotor, que envolve controle do corpo, movimentos e coordenação motora, e também no âmbito cognitivo que integram um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas nesta fase.

No desenvolvimento cognitivo da criança nesta idade, há que ressaltar a teoria do desenvolvimento humano, apoiado por Jean Piaget, no qual ele divide em períodos que andam de acordo com o aparecimento de novas qualidades do pensamento, e que implicará no desenvolvimento global (SOUSA, 2016). Para Jean Piaget (2003), os estágios são estruturas variáveis da organização dos processos mentais, sendo que se enfatizam quatro estágios principais, sendo eles: Estágio sensório-motor (do nascimento até aproximadamente os 24 meses), estágio pré-operacional (dos 2 aos 7 anos), estágio das operações concretas (dos 7 aos

12 anos), e estágio das operações formais (dos 12 anos adiante), cada um desses períodos define um momento do desenvolvimento humano como um todo, ao longo do qual a criança vai construindo determinadas estruturas cognitivas (QUADROS, 2017).

O estágio pré-operatório assim chamado, é o segundo período referente à faixa etária dos dois/sete anos. Nesse sentido, segundo Piaget (SANTOS, 2009 apud SOUSA, 2016):

Neste período, o que acontece de maior relevância é o aparecimento da linguagem, que irá originará modificações nos aspectos intelectual, afetivo e social da criança. Iniciam-se trocas interindividuais, porém a criança ainda está bastante centrada em seus próprios pontos de vista, predominando uma linguagem egocêntrica.

O principal estágio que contempla o estudo específico deste artigo é o estágio pré-operacional, conforme Piletti e Rossato (2012), a criança já desenvolve a função simbólica, que lhe permite substituir um objeto ou acontecimento por uma representação dele, assim, podemos encontrar o surgimento da linguagem verbal, do desenho, da imitação, da dramatização e etc. Ela ainda não trabalha realmente com as coisas e as ideais, mas brinca com elas (mágica, imaginação, fantasia) e nela acredita sem tentar saber se é verdade (QUADROS, 2017).

Com base no objetivo deste artigo, crianças de 3 á 5 anos de idade, as organizações representativas aparecem fundadas sobre configurações estáticas ou sobre a assimilação da própria ação, este período coincide com a fase dos “porquês”, e as primeiras estruturas representativas tem um caráter de dualidade dos estados de transformação (GOULART, 2005 apud QUADROS, 2017).

Piaget compreende o desenvolvimento cognitivo como algo que contém uma dinamicidade; a inteligência existe na ação, modifica-se numa sucessão de estágios, que compreendem uma gênese, uma estrutura e a mudanças destas (PILETTI & ROSSATO, 2012). Piaget (2007 apud Piletti e Rossato, 2012), explica que não existem estruturas inatas, na medida em que elas supõem uma construção. As mudanças das estruturas constituem os estágios do desenvolvimento cognitivo.

Depois dos 6-7 anos, as zonas corticais terciárias continuam seu desenvolvimento (embora mais lento) até pelo menos a adolescência, permitindo o raciocínio à base de operações lógico-gramaticais, lógico-formais e discursivas, a capacidade de reflexão e julgamento moral (DAMASCENO, 2004).

A linguagem desempenha papel relevante e decisivo. Quando interagimos através da linguagem, sempre temos determinados objetivos, pretendemos atuar sobre os outros e obter deles determinadas reações ou comportamentos (verbais ou não-verbais). Nas situações da vida real, o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, especialmente nas discussões, em que a criança tem que defender seus pontos de vista contrariados pelos outros (DAMASCENO, 2004).

2.2 Metodologia

Para o desenvolvimento deste artigo, foi realizado pelas acadêmicas do segundo semestre do curso de Psicologia IDEAU/Bagé-RS, uma pesquisa de natureza descritiva, com abordagem de cunho qualitativo, com crianças de três a quatro anos de idade, em uma escola pública de educação infantil: EMEI Professora Zita Ferrando de Vargas no bairro Ivo Ferronato, na cidade de Bagé-RS, nos dias 08 e 18 de outubro de 2018, onde observou-se os alunos, de modo que contribuísse para o desenvolvimento deste artigo, caracterizando um estudo de caso.

Com o intuito de observar a imaginação e a linguagem das crianças, primeiramente foi realizada uma atividade para observar mais aprofundadamente a imaginação e criatividade. Foi contada a elas a história A bezerrinha Bebel, onde todos acompanharam e no final da história foi pedido que todos desenhassem usando a sua imaginação quem era o personagem principal, como mostra a Figura 01 no Apêndice deste artigo.

Para ser analisado os processos da linguagem abordamos uma atividade em que as crianças contribuíram lendo tais figuras apresentadas, com o intuito de mostrar a fala das mesmas, relacionada a idade, como mostra a Figura 02 no Apêndice deste artigo. As crianças receberam bem as propostas pedidas, contemplando com êxito os objetivos do artigo.

2.3 Análise dos Resultados

No primeiro dia na escola foi de observação, acompanhamos o momento da chamada, e logo em seguida a confecção de um cartaz em comemoração ao dia das crianças. Visto nesse dia que alguns alunos são mais comunicativos e outros não, onde tivemos dificuldade de

entender o que estavam tentando pronunciar em conversa conosco, já outros tinham a pronuncia clara e uma riqueza em palavras.

O segundo encontro foi de atividades com as crianças, onde primeiramente contamos a história “A Bezerrinha Bebel”, mas não mostramos a foto da personagem e no final pedimos que eles desenhasssem quem era a Bebel, isso com o intuito de verificar como esta a imaginação deles. Verificamos nesse resultado que a grande maioria esta mais próxima da imitação e da memória do que da criação, pois tivemos desenhos de gatos, familiares, cachorro, sendo do convívio deles e não imaginando que a personagem é uma bezerra mesmo onde no texto foram lidos os sons próprios do animal.

Para a análise da linguagem utilizamos imagens de fácil compreensão e próprias para a idade, pedindo que falassem o que era cada uma, assim podemos escutar e anotar conforme era pronunciado. Desse modo identificamos com os resultados obtidos que o a linguagem está em processo de desenvolvimento, onde por exemplo o “r” e “lh” não são claramente pronunciados, entre outros erros de pronuncia. Outro ponto observável é que não existe um padrão de desenvolvimento pois as crianças da mesma idade apresentam níveis de linguagem diferenciados e recebem os mesmos estímulos escolares.

Segundo Novaes (1962), a linguagem coopera na construção do mundo dos objetos, do mundo da percepção e da intuição objetiva, bem como é indispensável na construção do mundo da imaginação pura. Como os dois processos cognitivos imaginação e linguagem estão ligados e que um acompanha o desenvolvimento do outro, ficou claro que crianças com melhores pronuncias possuem uma imaginação mais criativa do que ligada a memória.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as coletas de dados e estudos sobre os dois processos cognitivos trabalhados: imaginação e linguagem, foi evidente que as crianças acompanham um desenvolvimento conforme os referenciais teóricos, mas que existem diferenciações de criança para criança.

Verificou-se também que quanto mais estímulos a criança tiver mais será desenvolvido nela esses dois processos, pois um depende da evolução do outro para ficar mais aprimorado e responder melhor aos momentos do dia a dia.

Assim entendemos que para um melhor resultado de pesquisa e comprovações, devemos estender os estudos de observação também para o ambiente em que a criança mora e com quem convive, pois esse é um fator relevante no desenvolvimento de todos os processos cognitivos e não somente da imaginação e linguagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Projetos e práticas pedagógicas na educação infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. Artmed. 12ª edição, 2011.

CARDOSO, A. L. S. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. Portal educação; v. 6, 2016. Disponível em <<http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIA-SANCHES.pdf>>. Acesso em: 05 de outubro de 2018.

CRUZ, M. N. **Imaginação, conhecimento e linguagem: uma análise de suas relações numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano**. Campinas, SP: s.n., 2002. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252208>>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

DAMASCENO, B. P. **A mente humana: Abordagem neuropsicológica**. MultiCiência; 2004. Disponível em <https://www.multiciencia.unicamp.br/art02_3.htm>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

DAVIDOFF, L. **Introdução à psicologia**. 3ª edição. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

ESCORSIN, A. P. **Psicologia e desenvolvimento humano**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

FREITAS, N. K. **Desenvolvimento humano, organização funcional do cérebro e aprendizagem no pensamento de Luria e Vygotsky**. Ciências e cognição; v. 9, 2006. Disponível em <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/606/388>>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.

GOLDFELD, M. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 3ª edição. Plexus, 2002. Disponível em <https://books.google.com.br/books/about/A_crian%C3%A7a_surda_linguagem_e_cogni%C3%A7%C3%A3o.html?hl=pt-BR&id=bM_MhU5SUWsC&redir_esc=y>. Acesso em: 03 de setembro de 2018.

GUARDIOLA, A. et al. **Associação entre desempenho das funções corticais e alfabetização em uma amostra de escolares de primeira série de Porto Alegre.** Arquivos de Neuro-Psiquiatria; v. 56, n. 2, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X1998000200019&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 de setembro de 2018.

HAZIN, I. et al. **Contribuições da Neuropsicologia de Alexsandr Romanovich Luria para o debate contemporâneo sobre relações mente-cérebro.** Mnemosine; v. 6, n. 1, 2010. Disponível em <<http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/19>>. Acesso em: 22 de setembro de 2018.

KAIL, R. V. **A criança.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais.** 4ª edição. São Paulo: Ícone, 1990.

MIRANDA, J. B.; SENRA, L. X. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem: Contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana.** Publicado no Psicologia.pt; O portal dos psicólogos. 2012. Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0306.pdf>>. Acesso em: 25 de agosto de 2018.

NOGUEIRA, M. O. G.; LEAL, D. **Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico.** 2ª edição. Curitiba: InterSaberes, 2015.

NOVAES, M. H. **Princípios psicológicos básicos da linguagem.** Arquivos Brasileiros Psicotécnica; v. 14, n. 3, 1962. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/14758/13656>>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

NOVAES, R. C. **Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias.** Letras de Hoje; v. 47, n. 1, 2012. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9858/7421>>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** 5ª edição – São Paulo: Scipione, 2010.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** 12ª edição. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAPALIA, E. P.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **O mundo da criança: da infância à adolescência.** 11ª edição. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PILETTI, N.; ROSSATO, S. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo.** São Paulo: Contexto, 2012.

PILETTI, N.; ROSSATO, S.; ROSSATO, G. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 2014.

QUADROS, E. A. **Psicologia e desenvolvimento humano**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SILVA, D.; NUNES, H. **Imaginação, criança e escola**. São Paulo: Summus, 2012.

SOUSA, S. M. P. **O desenvolvimento da imaginação e criatividade na educação infantil por meio da contação de história**. Fiped; v. 1, 2016. Disponível em <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA17_ID33_08082016150709.pdf>. Acesso em: 22 de setembro de 2018.

SOUZA, S. C. et al. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. Pedagogia em ação; v. 5, n. 1, 2013. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>>. Acesso em: 05 de outubro de 2018.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11ª edição – São Paulo: Ícone, 2010.

APÊNDICE

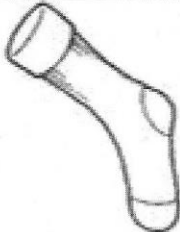
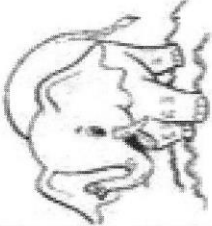
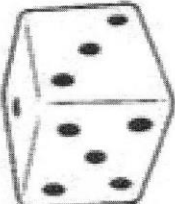
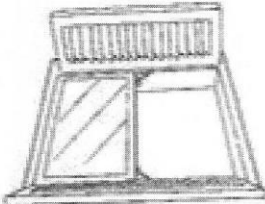
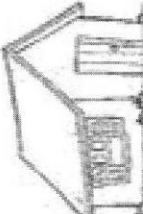
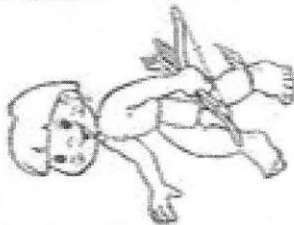
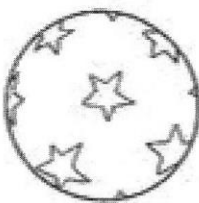
FIGURA 1: Atividade para analisar a imaginação das crianças



FIGURA 2: Atividade para analisar a linguagem das crianças

ALUNO: NATHAN - IDADE: 3 ANOS

• OBSERVE AS FIGURAS. COM AUXÍLIO DO PROFESSOR, ESCREVA A LETRA INICIAL DO NOME DE CADA UMA DELAS.

	FACA		BOTA
	LEFANTE		LUA
	NÃO SADE		ARMÁRIO
	CASA		HOMI
	LUA COM ESTRELA		AVIAO
	BELHA		RATO